

RESUMO

Este artigo consiste em uma revisão de um projeto de pesquisa em andamento, por ocasião do Exame de Qualificação, prerrogativa do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Alagoas (PPGCI/UFAL), em agosto de 2020. O artigo traz um recorte do projeto apresentando a gestão do alagoano Ladislau Netto (1870-1894) no Museu Nacional. Assim, este estudo busca dialogar com a Ciência da Informação, com a História Cultural e com a Museologia, de modo a situar o botânico Ladislau Netto no centro de suas contribuições à organização institucional, consequência de reformas administrativas advindas dos regulamentos de 1876, de 1888 e de 1892. Tal fato culminou na criação da revista científica *Arquivos*, na implantação de concursos e de cursos públicos de ensino, no âmbito do Museu Nacional, bem como no patrocínio das expedições científicas no Brasil, com repercussão na *Exposição Antropológica Brasileira de 1882* e na *Exposição Universal e Internacional de Paris em 1889*. Desse modo, esta pesquisa trata o Museu Nacional como uma instituição voltada para a produção de informação e de conhecimento, ao instaurar processos inovadores, durante o último quartel do II Império brasileiro, o que configurou subsídios ao desenvolvimento científico-tecnológico, político, social e cultural do país. Por fim, este artigo busca estabelecer uma conexão entre o Museu Nacional e o Estado de Alagoas, como lugar de origem de Ladislau Netto, ambos portadores de informação acerca dessa trajetória.

Palavras-chaves: Museu Nacional. Memória Institucional. Ladislau Netto. Mediação.

ABSTRACT

This article is about a review of the research project in progress, on the occasion of the Prerogative Qualification Examination of the Graduate Program in Information Science at the Federal University of Alagoas (PPGCI / UFAL), in August 2020. The article brings a clipping of the project presenting, from the management of Ladislau Netto from Alagoas (1870-1894) at the National Museum. Therefore, this study seeks to dialogue with Information Science, Cultural History and Museology, in order to place the botanist Ladislau Netto, at the center of his contributions to the institutional organization, as a result of administrative reforms arising from the regulations of 1876, 1888 and 1892. Culminating in the creation of the scientific magazine, *Archives*, in the implementation of public teaching contests and courses, within the scope of the National Museum, as well as in the sponsorship of scientific expeditions in Brazil, with repercussions in the Brazilian Anthropological Exhibition of 1882 and in the Universal and International Exhibition from Paris in 1889. Therefore, this research treats the National Museum as an institution focused on the production of information and knowledge, by establishing innovative processes, during the last quarter of the Second Brazilian Empire. What it configured in subsidies to the country's scientific-technological, political, social and cultural development. Finally, it seeks to establish a connection between the National Museum and the State of Alagoas, as the place of origin of Ladislau Netto, both bearers of information about this trajectory.

Keywords: National Museum. Institutional Memory. Ladislau Netto. Mediation.

1 INTRODUÇÃO

¹ Projeto de dissertação qualificado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Alagoas.

² Universidade Federal de Alagoas. Maceió/AL. Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-6057-7045>

³ Universidade Federal de Alagoas. Maceió/AL. Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1400-6246>

Este artigo se trata de uma revisão de um projeto de pesquisa em andamento, apresentado durante o exame de qualificação, através do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Alagoas (PPGCI/UFAL), em agosto de 2020. O artigo trata da gestão do alagoano Ladislau Netto no Museu Nacional, no último quartel do século XIX. Assim, o tema da pesquisa diz respeito à mediação da gestão, da informação e do conhecimento nas suas interseções com o espaço museal, à época, quando se davam os primeiros passos na história de uma escrita de feição nacional. Assim, o problema desta pesquisa consiste em indagar: *teria a gestão de Ladislau Netto, entre 1870 a 1894, assegurado as condições objetivas para que o Museu Nacional se consolidasse como um importante equipamento cultural do Brasil, de modo a se tornar um marco seminal na construção do Museu Nacional, em uma perspectiva contemporânea?*

Em decorrência do problema desta pesquisa, em conformidade com Lakatos e com Marconi (2003), a formulação da hipótese demanda considerar fatos e fenômenos no percurso das investigações. Para a validação do problema, elenca-se a hipótese de que *a consolidação do Museu Nacional, no último quartel do século XIX, tem vínculos diretos com a mediação da gestão pública, em correspondência com a informação museal, concomitante aos museus de história natural europeia oitocentista.*

Esta pesquisa busca uma abordagem em torno da Ciência da Informação, da História Cultural e/ou Intelectual e da Museologia, cujo foco é a gestão de Ladislau Netto, quando diretor do Museu Nacional, entre 1870 a 1894, por meio das suas contribuições em favor das pesquisas científicas e da organização institucional, através dos regulamentos de 1876, de 1888 e de 1892, da criação de uma revista científica, *Arquivos*, da implantação de concursos e de cursos públicos de ensino na esfera do Museu Nacional, assim como da realização das várias expedições de pesquisas científicas no Brasil, para a formação de acervos, genuinamente, brasileiros, os quais subsidiaram as duas famosas exposições, a *Exposição Antropológica Brasileira de 1882* e a participação na *Exposição Universal e Internacional de Paris em 1889*.

Dessarte, esta pesquisa trata o Museu Nacional como instituição gestora da informação e do conhecimento, além de promover processos construtores, inovadores e determinantes para transformar o Museu em uma instituição que funda a sua prática acadêmica tempos depois à Universidade Federal do Rio de Janeiro, em meados dos anos 1960. Isso também evidencia as publicações da revista *Arquivos*, disponível no site do Museu Nacional, até o ano de 2010, configurando-se uma linha de continuidade e subsídios ao desenvolvimento científico-tecnológico, social, político e cultural do país.

Desse modo, o interesse pelo tema decorre, desde a graduação, do encantamento pelas disciplinas de História da Cultura, de Registros do Conhecimento e de Ação Cultural, culminando na pesquisa e na publicação de um artigo, em 2014, sobre a memória institucional do Curso de Biblioteconomia/UFAL⁴, sob a coordenação da prof^a. Maria de Lourdes Lima. Em 2018, quando se deu o incêndio do Museu Nacional, houve a motivação de relacionar a gestão do alagoano Ladislau Netto, no ano do edital 01/2018 do PPGCI/UFAL, à necessidade de um estudo sobre os entremeios das memórias que atravessam a gestão do alagoano Ladislau Netto, no último quartel

⁴ SANTOS, Almiraci Dantas dos; LIMA, Maria de Lourdes. Curso de Biblioteconomia da UFAL: uma trilha sobre sua memória histórica. **Ciência da Informação em revista**, Maceió, v.1, n.1, 2014. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/1304>

do século XIX, de modo a suscitar indagações sobre o século XXI. A pesquisa também contempla uma conexão entre o Museu Nacional e o Estado de Alagoas, lugar de nascimento de Ladislau Netto, a partir de um estudo bibliográfico e biográfico de produção local.

Dessa forma, em termos metodológicos, esta pesquisa se caracteriza como descritiva e explicativa, de abordagem qualitativa, cujos procedimentos se pautam no uso de fontes documentais e bibliográficas (LAKATOS; MARCONI, 2003). Além disso, ela também se utiliza das ferramentas eletrônicas para alcançar as diversas fontes acerca da temática proposta e, *in loco*, em Alagoas, para investigar, nas instituições existentes, fontes que auxiliem na solução do problema desta pesquisa científica, o qual tem, como objeto, o papel das mediações entre a gestão do Museu Nacional (Rio de Janeiro), pelo então diretor Ladislau Netto, na confluência entre as formas de mediação com a informação e o conhecimento para atender ao objetivo de analisar a gestão de Ladislau Netto à frente do Museu Nacional, associando-a a sua consolidação como equipamento cultural e científico no Brasil, com vista à produção de conhecimento acadêmico.

2 DESENVOLVIMENTO

Este tópico é trabalhado a partir de dois eixos para os quais confluem as relações entre o Museu Nacional e a gestão Ladislau Netto, de modo a situar os dois contextos: o primeiro, no plano da institucionalização museal; seguido do perfil de um gestor público e cientista em consonância com as relações próprias da modernidade europeia nas quais circunscrevem vínculos entre o particular e o geral, traduzidos, para os dias atuais, em periferia e centro, cujo reconhecimento, na ocasião, fez-se a partir de um lugar de pertencimento, que era o Brasil ou a nação, como o Museu Nacional passa a receber essa designação.

2.1 O Museu Nacional: entre memórias

Da sua gênese às possíveis mudanças operadas no transcurso da sua história institucional de um pouco mais de meio século, deve-se refletir a partir de diferentes matizes dessas memórias vividas e/ou incorporadas ao museu. O pressuposto parte das memórias que fazem parte da institucionalização museal, bem como as que derivam do seu sinistro ocorrido no dia 2 de setembro de 2018, como lastro inevitável de ligação entre presente e passado.

O Museu Nacional vem a lume, em 6 de junho de 1818, por decreto do rei D. João VI, com o nome de Museu Real. Com a sua criação, evidencia-se a importância dada à instituição museu, concebida como espaço de concentração, de organização e de difusão do conhecimento e de estudos sobre as ciências naturais no Brasil. A ideia do museu oitocentista no Brasil não deixava de ser um espaço de guarda da memória natural e histórica de uma nação.

Segundo Lopes (1997), o Museu Real, nos seus primórdios, foi a antiga casa de História Natural, popularmente conhecida como a “Casa dos Pássaros”, criada em 1784. Durante sua existência, adquiriu, permutou, colecionou e preparou produtos naturais e adornos indígenas, os quais eram enviados a Lisboa. Apesar disso, Lopes (1997, p.41) faz um destaque: “um dos motivos [...] apontados para a criação do Museu Real do Rio de Janeiro, em 1818, foi o interesse pelas Ciências Naturais da futura Imperatriz – D. Leopoldina”-, pois ela apoiava a missão dos naturalistas que vieram ao Brasil, em 1817. Na ocasião, cada nação corria para obter a coleção

mais diversificada e que representasse cada país. A história de formação do Museu Real segue os mesmos parâmetros dos demais centros internacionais.

Ladislau Netto (1870), em seu livro *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro*, expõe o contraste entre a redação do decreto e as condições efetivas de sua existência, sinalizando a escrita solene, em detrimento da realidade “mesquinha”, em sua execução. “Só por ilusória e aparente satisfação aos estranhos tentara-se criar o primeiro e até agora [1870] o maior museu que possui o Brasil, museu cuja importante missão, [...] prendiam-se [...] as esperanças do mundo científico”. (MELLO E NETTO, 1870, p. 18).

Dantas (2012) realiza uma análise nos documentos oficiais do Museu, os quais se encontravam, antes do incêndio, guardados na Seção de Memória e Arquivos do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (SEMEAR/UFRJ): tratavam das alterações do nome do Museu. Tais alterações ocorreram “devido às mudanças políticas do país”. Por ocasião da Constituição Política do Brasil outorgada por D. Pedro I, o MUSEU REAL permanece com essa mesma terminologia até 1824, “Entre 1824 e 1825, a nomenclatura mudou para MUSEU NACIONAL E IMPERIAL. Posteriormente, o nome foi alterado para MUSEU IMPERIAL E NACIONAL e permaneceu até 1842”. A partir daí, “a instituição teve seu caráter nacional fortalecido e passou a ser identificado como MUSEU NACIONAL”. (DANTAS, 2012, p. 67)

Nesse sentido, ao associar o museu à memória, podemos fazê-lo sob o prisma de Le Goff (2003), que observa a memória sob o ângulo das transformações históricas, em voga, o que subentende que a noção de patrimônio, associada aos museus, confere mais longevidade em contraposição ao efêmero. Ademais, Abreu e Santos (2015) ressaltam que a importância dada a memória coletiva só ocorre porque se percebe a ligação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva. Finalmente, Le Goff (2003) reitera a ligação entre as memórias individual e coletiva responsáveis por impulsionar a criação dos espaços públicos, como museus, bibliotecas e antiquários.

A relação estabelecida entre a memória e o museu, no caso, leva-nos aos paradigmas custodial e pós-custodial na perspectiva de Silva (2013), sendo o primeiro dominante, desde o fim do séc. XVIII até meados do séc. XX. Nesse momento, as nações instituem, oficialmente, os lugares de memória (NORA, 1986), logo museus, bibliotecas e arquivos passam a agregar os conceitos de *cultura, de patrimônio e de memória*. Nessas instituições, aplicavam-se técnicas e práticas oriundas, respectivamente, da Museologia, da Biblioteconomia e da Arquivologia. Essas áreas do conhecimento, no passado, consolidaram a existência do paradigma custodial, cuja base era a custódia, a guarda, e a conservação de suportes. Segundo Silva (2013, p. 23): “Os paradigmas nascem, consolidam-se e entram em crise, sendo substituídos por outros”, o que aconteceu na transição do paradigma custodial para o paradigma pós-custodial, informacional e científico. Esse modelo, no âmbito da Ciência da Informação, incide, diretamente, sobre a reformulação curricular de ensino dos cursos de formação das três áreas citadas, o que justifica o fato de o paradigma pós-custodial ser respaldado pela valorização da informação como fenômeno humano e social, considerando a produção da informação, seu fluxo e seu uso.

Em colaboração com o que vem a ser um museu, à luz da Ciência da Informação, como instituição social, Souza (2009, p. 161) afirma que ele se trata de um “espaço de produção de conteúdos informacionais representativos da memória social”, considerando-se que seus objetos devem ser patrimônio cultural em todos os aspectos, “à luz de um aprofundamento teórico que não

se prenda apenas aos aspectos formais”, pois a informação, segundo Zeman (1970, p. 165, apud SOUZA, 2009, p. 161), é “inseparável da matéria, [porém] seu significado não se esgota nas suas características físicas”. Isso nos leva da passagem do dispositivo institucional ou museológico para as ações dos sujeitos sociais.

A partir desse eixo sobre as memórias que narram a história sobre o Museu, é imprescindível correlacionar a mediação da informação nesse espaço pelo gestor Ladislau Netto, partindo do princípio de que a mediação relaciona informação com sujeito social (ARRUDA; OLIVEIRA, 2017). Segundo Silva (2010, p. 72), “as estratégias de comunicação são mediações institucionais, porque consubstanciam o uso comunicacional das instituições pelos atores que as integram e são praticadas pelos atores institucionais tendo em vista a evolução do respectivo espaço público e institucional”. Dessa forma, o sujeito social configura-se como o gestor em estudo, pois estruturou formas de mediar a informação nesse espaço social, a partir da mediação institucional praticada por meio da comunicação, a exemplo, a revista *Arquivos do Museu Nacional*, conforme se pode verificar no eixo a seguir, sobre a gestão de Ladislau Netto.

2.2 A Gestão de Ladislau Netto no Museu Nacional

De 1818 a 1870, antecederam 6 (seis) diretores⁵ à gestão de Ladislau de Souza Mello e Netto, que, por convite do imperador Dom Pedro II, assume, respectivamente, a direção da Seção de Botânica em 1866 e, em 1870, a direção geral, interinamente, do Museu Nacional, sob a responsabilidade do Conselheiro Francisco Freire Alemão Cisneiro. Duarte (1950) observa essa parceria sob o ângulo de mútua camaradagem e acordo entre ambos, o que possibilitou a Ladislau Netto a assinatura do expediente do Museu, como auxiliar na direção geral, pois Freire Alemão se encontrava com saúde debilitada. Enquanto isso, o jovem auxiliar fazia do Museu um centro de atividades, “todas as seções recebiam o influxo de suas ideias e de seu mando” (DUARTE, 1950, p. 115).

Ladislau Netto aplicou, no Museu, o que foi objeto da sua formação e de sua experiência na Europa. Em 1874, Freire Alemão falece, e Ladislau Netto assume, de forma efetiva, a direção geral do Museu Nacional com as experiências reforçadas pela interinidade na gestão, desde 1870. Segundo Duarte (1950), os planos de Ladislau Netto consistiam em tornar o Museu um centro de pesquisa e de estudos para acompanhar a evolução da ciência, promovendo a produção científica no País. Além das pesquisas de estudo e de formação de acervos exclusivos dos povos primitivos do Brasil, Ladislau Netto, segundo Lopes (1997), estabeleceu, durante o período quando esteve como diretor efetivo do Museu Nacional, três Regulamentos com a finalidade de organizar o funcionamento e as pesquisas da Instituição. O primeiro Regulamento foi instituído em 1876; o segundo em 1888; o terceiro em 1890.

No Regulamento de 1876, instituído pelo Decreto nº 6.116, de 9 de fevereiro, o Museu tinha, por finalidade, estudar a “História Natural, particularmente do Brasil [...] ensino das ciências físicas e naturais, sobretudo em suas aplicações à agricultura, indústria e artes” (LOPES, 1997, p. 159). Nesse Regulamento, é instituída não somente a criação da revista *Arquivos do Museu*

⁵ Frei José da Costa Azevedo (1818-1822), João da Silveira Caldeira (1823-1827), Frei Custódio Alves Serrão (1828-1847), contando também com a administração interina de João de Deus de Matos entre (1822-1823) e (1835-1837), Frederico Leopoldo César Burlamaque (1847-1866), Francisco Freire Alemão de Cysneiros (1866-1870) até chegar à gestão de Ladislau de Souza Mello e Netto (1870-1893).

Nacional, como foram instalados cursos gratuitos e concurso público. Ademais, criaram-se a ordenação das seções de estudos em 3 seções: a 1ª Seção – *Antropologia*, Zoologia Geral e Aplicada, Anatomia Comparada e Paleontologia Animal; a 2ª Seção – Botânica Geral e Aplicada e Paleontologia Vegetal; a 3ª Seção – Ciências Físicas: Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral.

No Regulamento de 1888, Decreto nº 9.942, de 25 de abril, a finalidade do Regulamento de 1876 é mantida, porém acrescenta-se a 4ª Seção para estudos da *Antropologia*, *Arqueologia* e *Etnografia*, além de transformar os cursos regulares em conferências públicas. Já o Regulamento de 1890, Decreto nº 379-A, de 08 de maio, teve finalidade de “*estudar a história natural do globo e em particular do Brasil*”.

Nesse sentido, podemos inferir que Ladislau Netto se apresenta como um precursor, no Brasil, da introdução da Antropologia, da Etnografia e da Arqueologia em museus brasileiros. A literatura registra a sua dedicação às seções de Botânica e de Antropologia, bem como à direção geral do MN. Em razão do exposto, Lopes (1997, p. 170) pontua que as “suas pesquisas botânicas aos poucos cederam lugar às antropológicas e etnográficas [...] Se empenhava em recolher aos museus a cultura material das populações [indígenas] que estavam sendo dizimadas”. Algumas questões em relação ao alcance e à extensão dessas pesquisas antropológicas e etnográficas realizadas por Ladislau Netto nos levam a indagar se teríamos aí a semente de um protoindigenismo brasileiro quanto à emergência de uma consciência que integra estudos e práticas.

2.2.1 Os Cursos e os Concursos Públicos

Os cursos públicos foram implantados pelo Regulamento de 1876, e cada diretor de seção ministrava, no mínimo, uma aula por semana, de acordo com sua área de trabalho e com sua profissão. Esses cursos eram livres e abertos a toda sociedade. Eram ofertados cursos de Ciências Naturais, Botânica e Zoologia, de Geologia, de Antropologia e de Mineralogia. Os concursos públicos foram instituídos também pelo Regulamento de 1876, os quais objetivavam a primazia da profissionalização e da qualificação dos que almejassem fazer parte do quadro de funcionários do Museu Nacional. Por ocasião da implantação do concurso público, foi possível a contratação de naturalistas estrangeiros para ocupar os cargos do Museu, conferindo à Instituição um grande desenvolvimento científico, marcando a gestão de Ladislau Netto, no Museu, como a “idade de ouro”.

2.2.2 A Revista *Arquivos do Museu Nacional*

A revista *Arquivos* nasceu impulsionada pelo Regulamento de 1876: instituída no Museu Nacional e considerada a primeira revista especializada em Ciências Naturais do Brasil, conforme previsto no cap. IV, art. 19, do mesmo documento, sua finalidade se baseava em dar “conta de todas as investigações e trabalhos realizados no estabelecimento, das notícias nacionais ou estrangeiras que interessarem às ciências de que se ocupa o Museu”. Duarte (1950, p. 131) considera que “foi através da revista que o Museu se projetou no mundo científico, universalizou-se.” Não era uma revista popular de divulgação, mas uma puramente científica e técnica.

Segundo Agostinho (2014), a revista foi uma importante ferramenta que não somente consagrou o Museu Nacional enquanto espaço de produção e de estudos científicos especializados, ascendendo à ciência no Brasil, como também reverberou os autores contemplados com artigos na revista, alcançando os países europeus e os adjacentes, servindo de veículo de difusão e de repositório dos trabalhos dessa instituição.

Competia a Ladislau Netto o papel central na produção da revista, presidindo a comissão de redação, cabendo-lhe a responsabilidade de prefaciá-la, de avaliar e de validar os artigos a serem publicados. Vale ressaltar que, durante a gestão de Ladislau Netto, foram publicados apenas oito volumes, porém, na leitura de Agostinho (2014, p. 63): “o brilhante jubileu científico” foi o volume 6 da revista *Arquivos*, no qual foi publicado artigo especialmente sobre a Exposição Antropológica Brasileira. Esse volume contou com 112 artigos, os quais faziam relação com a Antropologia, com a Arqueologia e com a Etnologia; sua linguagem era mais acessível ao público em geral, um dos pontos que a diferenciava das anteriores.

Portanto, a revista estabeleceu uma rede social de troca de conhecimentos entre os pesquisadores, configurando-se como uma ferramenta de difusão científica no processo de validar e dar visibilidade às produções e a seus produtores oriundos do Museu Nacional, servindo como uma revista institucional com respaldo legal de guarda do conhecimento produzido na instituição e amparada pelo governo imperial. Sendo assim, Agostinho (2014, p. 102) afirma que “a difusão mundial dos *Arquivos* foi importante para a projeção internacional do Museu Nacional e de seus agentes. Através dela, aquela instituição imperial pode ser conhecida e reconhecida pela comunidade científica mundial.”

A cerca dos passos que a revista possibilitou ao Museu, Gomes (2011) sinaliza a importância de a informação ser transmitida, distribuída e disseminada. De modo análogo, Le Goff (1990) diz que os reis criavam suas instituições – memória, tais quais arquivos, bibliotecas e museus –; já o Museu Nacional criou a revista como suporte de guarda do conhecimento, com o propósito de não somente armazenar, mas de comunicar através do tempo e do espaço. Em síntese, essa publicação foi uma extensão da memória científica brasileira.

2.2.3 Expedições e Exposições no Museu Nacional

A primeira expedição aconteceu no Nordeste, em 1877, a qual objetivou um estudo científico da natureza do baixo São Francisco: fazia parte da pesquisa verificar a existência de cemitérios indígenas às margens do rio. Apesar disso, nesse ano, acontecia, de Alagoas ao Ceará, uma das maiores secas, entre 1877 a 1879, a ponto de ser chamada de a grande seca, responsável por promover um dos maiores êxodos rurais: 68 mil nordestinos migraram para outras regiões; para a Amazônia, o número foi acima de 120 mil emigrantes. Em Alagoas, os municípios de Piranhas, de Penedo e as demais cidades ribeirinhas, mais populosas, àquela época, eram assoladas pelo êxodo, pela doença e pela fome.

Na província de Alagoas, Ladislau Netto visitou a velha cidade de Alagoas, hoje, Marechal Deodoro, hospedou-se em um sobrado na cidade de Penedo, teve contato com os potes de barro do Porto Real do Colégio e, na perspectiva de Duarte (1950), como cientista, fez uma descrição geológica da zona ribeirinha do Rio São Francisco. Embarcou em Penedo, no vapor Jequiá, em 10 de janeiro de 1878, para a cidade de Maceió, onde ficou hospedado na casa de parentes à Rua do

Rosário (prédio que hoje fica na ladeira do Brito – Centro). Depois, no vapor Espírito Santo, seguiu para o Rio de Janeiro, em 18 de janeiro de 1878.

Outra expedição aconteceu em janeiro de 1882: dessa vez, para a região Norte, passando pelo estado de Amazonas, realizando exumação no Pacoval⁶ – Ilha de Marajó. Depois, seguiu para o Pará, onde foi possível recolher esqueletos de indígenas Temembés e de outras tribos, material ricamente antropológico. Continuou a expedição para a região Sul, ocupando-se em pesquisar os sambaquis⁷. O estudo realizado durante essas excursões e o material coletado serviram para compor o acervo da Exposição Antropológica Brasileira de 1882 e da Exposição Universal de Paris de 1889.

Em uma leitura que busca relacionar aspectos teóricos e metodológicos, o historiador e arqueólogo Meneses (1994), observa a montagem da exposição na perspectiva de uma convenção visual, organizada com a finalidade de produzir sentidos. Nesse caso, uma exposição, especificamente, em um museu com características históricas e antropológicas, como é o caso do Museu em estudo, jamais será uma “exibição neutra ou literal de artefatos”, pois “a exposição museológica pressupõe, forçosamente, uma concepção de sociedade, de cultura, de dinâmica cultural, de tempo, de espaço [e] de agentes sociais” (MENESES, 1994, p.25). Assim, a análise do museu oitocentista, cujo foco recai sobre o Museu Nacional, lança luzes sobre suas exposições, que serviram como vetores para a consolidação dos estudos científicos no Brasil. Sendo assim, no marco desta pesquisa, a presença das duas mais importantes exposições, organizadas por Ladislau Netto, na esfera do Museu Nacional, cumpre uma função crucial: a primeira, por ordem cronológica, será a Exposição Antropológica Brasileira de 1882; a segunda, a Exposição Universal Internacional de Paris de 1889.

Na leitura de Duarte (1950), Ladislau Netto reuniu todo o material antropológico, etnográfico e arqueológico possível para a Exposição Antropológica Brasileira de 1882. Tal exposição reuniu e apresentou ao público instrumentos de guerra, de caça, de pesca e de música, assim como louças exumadas na Amazônia e a cerâmica da ilha de Marajó, além de esqueletos de indígenas Temembés, adornos, plumária, quadro a óleo; as rendas de bilro de Alagoas, à época, fabricadas pelas rendeiras do município de Pilar, de Massagueira e de Coqueiro Seco; objetos do gabinete do Imperador Dom Pedro II. Segundo Lopes (1997), a exposição durou três meses, obtendo uma grande repercussão internacional. As declarações de Lopes (1997) são confirmadas por Dantas (2012, p. 141), quando assevera que “a Exposição Antropológica Brasileira realizada no Museu Nacional em 1882, por Netto, consagrou a área e divulgou o acervo etnográfico brasileiro para além das fronteiras do país”. Esse evento representou o ponto de partida para o fortalecimento de Netto com a área de Antropologia, assim como promoveu a visibilidade do Museu Nacional, graças a esse expediente, que deriva da combinação entre expedição científica e exposição, garantindo a concretização da pesquisa na formação das coleções e no encontro entre MN e sociedade. (DANTAS, 2012).

Já a Exposição Universal Internacional de Paris começou em 6 de maio de 1889 e terminou em 31 de outubro desse ano. Ao término da Exposição, conforme o periódico brasileiro *O*

⁶ Pacoval – extensa lombada de terra cortando o lago Arary, encontrado na região do Amazonas, possuindo o aspecto de um jabuti.

⁷ Ver: Estudos sobre o sambaquis do Sul do Brasil de autoria de Carlos Wiener - publicado na revista Arquivos do Museu Nacional, vol. 1, 1876.

*Auxiliador da Indústria Nacional*⁸ (v. 57, n. 11, Nov., 1889, p. 243-254), alguns expositores brasileiros receberam recompensas sob a forma de medalhas, de prêmios e de menção honrosa. Entre 80 recompensas, na categoria de medalha de ouro, o Museu Nacional foi um dos contemplados pela exposição dos sete volumes da revista *Arquivos*. A representação do Brasil na Exposição Universal se deu através dos acervos da seção de Botânica, com a coleção de madeiras, e de Mineralogia, com a coleção de minerais, no Pavilhão do Brasil e na Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia, com acervo da seção de Antropologia, de Arqueologia e de Etnografia, apresentando os artefatos dos índios brasileiros, em sua maioria, da região do Amazonas.

Ainda em sua gestão, Ladislau Netto implementou, no Museu Nacional, o Laboratório de Fisiologia Experimental em 1880, inicialmente dirigido por Louis Couty e depois por João Batista Lacerda. Apesar disso, sua última e grande iniciativa foi a transferência do Museu para o antigo edifício da Quinta da Boa Vista, atual endereço. Em 1893, sua gestão finda, e, assim como Chagas (2006) parafraseou Mário de Andrade, nomeando sua obra com o título *há uma gota de sangue em cada museu*, pode-se afirmar que cada diretor deixou gotas de suor, mas o sétimo diretor, Ladislau Netto, deixou a metade da sua vida (27 anos) dedicada à gestão institucional, ao ensino, à pesquisa, à produção científica no Brasil, nos alicerces que responderam pela consolidação do Museu Nacional, na sua *fase áurea*, expressão de Lacerda, em 1905.

3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

De acordo com a pesquisa apresentada, são notáveis as realizações da gestão de Ladislau Netto à frente do Museu Nacional, segundo a revisão da literatura aponta para responder o problema dessa pesquisa, no qual se busca saber *se teria a gestão de Ladislau Netto, entre 1870 a 1894, assegurado as condições objetivas para que o Museu Nacional se consolidasse como um importante equipamento cultural do Brasil, de modo a se tornar um marco seminal na construção do Museu Nacional, em uma perspectiva contemporânea*. Para essa resposta, até o momento, elenca-se a implementação dos Regulamentos de 1876, de 1888 e de 1890, a criação dos cursos e dos concursos públicos, a criação da revista *Arquivos* do Museu Nacional e a organização das expedições científicas como forma de garantir a formação de coleções imprescindíveis à constituição do acervo museológico do Museu Nacional e de configurá-lo com características de uma brasilidade, ação impulsionada pela *Exposição Antropológica Brasileira de 1882*, a qual impulsionou a consagração da instituição no Brasil e na Europa, além de abrir caminhos para os estudos sobre Antropologia no país. Depois, vem a participação do Museu na Exposição Universal de Paris em 1889. Através do exposto, esta pesquisa reitera a importância da memória institucional. Por fim, Ladislau Netto, “reunido muitos títulos e distinções honoríficas e, se não fez mais, havia consolidado as Ciências Naturais no Museu Nacional do Rio de Janeiro”. (LOPES, 1997, p. 204). Sendo assim, considera-se o que foi exposto acima como os primeiros resultados obtidos a partir da primeira parte da investigação desta pesquisa, assim como o alcance parcial dos objetivos, que consistiram em *examinar aspectos biográficos de Ladislau Netto no âmbito da produção da memória, da gestão política e científica; situar Ladislau Netto frente à consolidação do Museu Nacional como instituição museal e acadêmica a combinar ensino,*

⁸ Periódico pertence à Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional/SAIN, a qual foi fundada em 1827 e em 1904 sua nomenclatura foi substituída por Centro Industrial do Brasil.

pesquisa e produção do conhecimento e identificar a mediação da informação como pressuposto da Ciência da Informação, na gestão de Ladislau Netto.

REFERÊNCIAS

ABREU, Larissa R. R. de; SANTOS, Saulo Ribeiro dos. “Nos braços de Mnemosine”: o espaço do museu como lugar de memória e educação. **XII Congresso Nacional de Educação**. PUCPR, Paraná, 2015.

AGOSTINHO, Michele de Barcelos. **O Museu em revista**: a produção, a circulação e a recepção da revista Arquivos do Museu Nacional (1876-1887). Niterói: 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense.

ARRUDA, Maria Izabel M.; OLIVEIRA, Hamilton Vieira. Um olhar sobre a evolução do conceito de mediação na Ciência da Informação. **RICI: R. Ibero-amer. Ci. Inf.**, Brasília, v.10, n. 1, p. 218-232, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2523> . Acesso em: 20 out. 2020.

CHAGAS, Mario de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.

DANTAS, Regina M. M. C. **Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia? A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

DUARTE, Abelardo. **Ladislau Netto (1838-1894)**. Maceió: Imprensa Oficial, 1950.

GOMES, H. F. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. **Data grama zero – revista da ciência da informação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-15, 29./mai. 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/304>. Acesso em 13 set. 2019.

LACERDA, João Baptista de. **Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento (p. 525-541). *In*: História e memória. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica**: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: EDUSP, 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Ser. v. 2, p. 9-42, jan./dez. 1994.

MUSEU NACIONAL (Brasil). **Revista Archivos do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, v. 1, 1876.

MELLO E NETTO, Ladislau. **Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Philomático, 1870.

NORA, Pierre. **Les Lieux de mémoire**. Paris: Éditions Gallimard, 1986. II.2 – La nation; II.3 – La nation.

SILVA, Armando Malheiro da. A transição paradigmática e o posicionamento da Museologia face à Ciência da Informação transdisciplinar. *In*: DUARTE, Zenyr. (org). Arquivos, bibliotecas e museus: realidades de Portugal e Brasil. Salvador: EDUFBA, 2013.

SILVA, Armando Malheiro da. Mediações e mediadores em Ciência da Informação. Prisma.com, n. 9, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/86496>. Acesso em 20 out. 2020.

SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDÚSTRIA NACIONAL. **Revista o auxiliador da Indústria Nacional**. *Imprensa Nacional*. v. 57, n. 11, nov., p. 243-254, 1889.

SOUZA, D. M. Viana de. Museus de ciência, divulgação científica e informação: reflexos acerca de ideologia e memória. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.14, n.2, p. 155-168, maio./ago. 2009. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pci/v14n2a11.pdf. Acesso em: 07 jan. 2019